

O corvo Moisés: a religião cristã na Revolução dos Bichos, de George Orwell

The raven Moses: The Christian religion on animal farm, by George Orwell

Ricardo Lopes Dias¹



ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0029-0784>

Resumo: No enredo de A revolução dos bichos, George Orwell expõe a traição dos ideais democráticos que caracteriza todo regime totalitário, sobretudo quando tenha se iniciado como uma espontânea revolução popular. Os personagens do enredo, tão bem elaborados a ponto de não haver nenhum que pareça estar ali por acaso, convidam-nos à reflexão de sua representação e dos seus discursos. Dentre eles ressalto neste trabalho o corvo Moisés que mesmo não sendo um personagem protagonista está bem relacionado ao tema da revolução por representar a religião cristã naquele momento de desconstrução e reconstrução sociopolítica e, com isso, expõe por meio de suas aparições no enredo, o modo como a religião fora vista sob a perspectiva socialista a partir de seus posicionamentos e condutas até o momento da publicação do livro, em 1945. Assim, a partir das sutis menções ao corvo, destaco os olhares à religião cristã como uma utopia mediante a mensagem de uma montanha paradisíaca para onde iriam todos os animais após a morte e como uma agência historicamente distanciada da realidade sociopolítica por sua cosmovisão ou por suas alianças. Assim, reponho em discussão a atualidade da crítica feita nos idos do século XX à religião cristã acerca de seu valor e utilidade diante das questões sociopolíticas, uma ausência que, no entanto, vai na contramão do próprio ethos que o seu credo aponta nos seus discursos de amor ao próximo, de fraternidade e de justiça no mundo com esperança na transformação dele.

Palavras-chave: Corvo; Cristianismo; Religião; Revolução; Socialismo.

Abstract:

In the plot of Animal Farm, George Orwell exposes the betrayal of democratic ideals that characterizes every totalitarian regime, especially when it originates from a spontaneous popular revolution. The characters in the story, crafted so well that none of them seem out of place, invite us to reflect on their representations and their speeches. Among them, I highlight in this paper the character of Moses the raven who, while not a main protagonist, is closely tied to the theme of the revolution as he represents Christianity during a period of sociopolitical deconstruction and reconstruction. Through his appearances in the narrative, Moses illustrates how religion was viewed from a socialist perspective in terms of his stance and conduct at the time of the book's publication in 1945. Thus, through the subtle mentions of the raven, I emphasize perspectives on Christianity as a utopia via the message of a paradise-like mountain

¹ Doutor em Ciências Humanas e Sociais (UFABC) e pós-doutor em Educação, Arte e História da Cultura. E-mail. ricardoearte@hotmail.com

where all animals would go after death and as an institution historically detached from sociopolitical reality due to its worldview or alliances. Therefore, I bring into discussion the relevance of the critique made in the early 20th century of Christianity, concerning its value and usefulness in sociopolitical issues—an absence that, however, contradicts the ethos pointed to in its creed, which emphasizes love for one's neighbor, fraternity, and justice in the world with hope for its transformation.

Keywords: Raven; Christianity; Religion; Revolution; Socialism.

Introdução

Em 2022, iniciei um projeto de leitura de obras clássicas da literatura não-religiosa com um grupo de cristãos interessados nesse conteúdo. O projeto chama-se **Leituras da Vida** e atualmente está em sua quinta edição. Trata-se de uma série de estudos baseados em três ou quatro obras alinhadas em torno de um tema central que são lidas e discutidas em grupo. As duas primeiras edições foram realizadas presencialmente em uma igreja evangélica – a Primeira Igreja Batista de Guaianases (PIBG), em São Paulo –, que cordialmente cedeu o espaço e deu todo suporte ao projeto porque entendera que o projeto, embora aparentemente fora do escopo confessional, beneficiaria os participantes ao oportunizar uma educação humanizadora, cidadã, acadêmica e terapêutica.

Entre 2023 e 2024, o Leituras da Vida subsidiou a pesquisa de meu pós-doutorado² acerca do uso da literatura na educação que humaniza. A análise das narrativas dos participantes do curso demonstrou, invariavelmente, o impacto das tramas dos enredos e das particularidades dos personagens literários em suas vidas e no modo de revisitar temas sociopolíticos e culturais que há muito haviam sido postos de lado em razão do foco religioso.

A obra em tela, *A revolução dos bichos*, publicada em 1945 por George Orwell, (pseudônimo literário do escritor britânico Arthur Blair [1903-1950]), esteve relacionada a outras três obras ainda na primeira edição do Leituras da Vida, organizada sob o título “Em busca da humanidade”. Foi nesta ocasião que o Corvo Moisés me saltou aos olhos como um personagem emblemático da religião cristã no contexto revolucionário do enredo e mostrou-se extremamente relevante para uma reflexão à parte, sobretudo, porque pareceu-me uma oportunidade de revisar a imagem e as narrativas acerca da religião em uma crítica exterior ao campo religioso. Este estudo dirigido resultou também na elaboração de um curso³ específico acerca do corvo Moisés como o personagem periférico pensado pelo autor para discutir a religião na perspectiva socialista revolucionária que caracteriza a obra.

² Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie iniciado em 2023.

³ **O corvo Moisés**, curso livre que compõe a série de minicursos **Personagens Periféricos dos Clássicos da Literatura** desenvolvida para refletir acerca das ideias em torno de personagens não-centrais, mas que não estão “por acaso” nas tramas literárias..

A crítica à religião não é um tema novo, mas nem sempre ela reverberou positivamente ou produziu o resultado esperado entre os religiosos. Ao passo em que a crítica intrarreligiosa costuma tornar-se mais sentida, a crítica exterior, seja por desconhecimento da crítica ou porque, como uma “voz que clama no deserto” e como “pedras que clamam” a ouvidos emparedados (Proença, 2007), não é trazida à totalidade dos religiosos implicados na crítica para reflexão. Todavia, quando a crítica surge de modo criativo, sutil, provocativo ao pensamento e fica registrada em uma obra clássica não há como ser completamente ignorada. Entendo que este seja o caso da provocação feita por meio de um corvo não por acaso chamado Moisés e que pregava acerca de uma Montanha Doce de Açúcar para onde iriam os animais após a morte.

Considerando que o autor era um “pró-socialista” democrático que se via imbuído da luta contra regimes totalitarista de sua época⁴ (Orwell, 2021, p. 6, 116), e que a crítica não se referia à revolução socialista em si, mas ao que considerava uma traição ao povo deflagrada nas tramas do poder que se seguiram nos desdobramentos da revolução russa pelo stalinismo, o enredo nos abre caminho para uma breve revisão de como alguns pensadores socialistas olharam a religião, motivo pelo qual os citarei pontualmente, mas sem perder o foco da obra de Orwell, obra caricata, mas reveladora deste olhar.

Com isso, objetivo neste artigo promover a reflexão da religião ao realçar estes olhares e re-clarar sua crítica que parece atual, necessária hoje como foi no início do século passado quando foi publicada a obra. Afinal, **para que serve a religião se ela não serve para mudar efetivamente a realidade do ser humano?** Se são sentidas a opressão dos grupos dominantes, a alienação do homem de sua condição e lugar na sua própria história, e a indiferença ao sofrimento dos politicamente vulnerabilizados, **por que não há enfrentamento destas questões também no campo da fé?**

Na consecução deste artigo recorri à leitura antropológica d'A revolução dos bichos com um olhar direcionado às referências feitas ao corvo Moisés, a fim de pinçar estes elementos do enredo e, com estas referências em mente, discorrer acerca de uma suposta (in)utilidade da igreja cristã na realidade brasileira. Parto dos olhares à religião cristã como uma utopia e como uma instituição distanciada da realidade, ora dormindo ou ausente dos momentos decisivos da sociedade com sua predileção por se manter inalterada na história.

Mais do que uma revisão teórica da ação histórica e da figura da religião cristã no ocidente, essa reflexão pretende fazer repensar seus modos de agir bem como rediscutir a sua missão de fazer-se notar efetivamente sal que salga e luz que brilha na vida humana.

⁴ Em suas palavras: “Até 1930 eu não me enxergava totalmente como socialista. Na verdade, eu não tinha, como agora, visões políticas claramente definidas. Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como a parte mais pobre dos trabalhadores industriais era oprimida e negligenciada do que por qualquer admiração teórica por alguma sociedade planejada” (Orwell, 2021, p. 6); e: “A guerra espanhola e outros eventos de 1936-37 mudaram as coisas, e depois disso eu me tornei ciente do meu lugar. A partir de 1936, toda linha que escrevi em trabalho sério se voltava, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e era a favor do socialismo democrático tal como o compreendo” (Orwell, 2021, p. 116).

A religião cristã a partir das referências ao corvo Moisés

A revolução dos bichos é uma distopia. Parte de uma fábula em que ocorre uma revolução realizada pelos animais da fazenda Solar, na Inglaterra, propriedade do casal Jones. Entre prejuízos e bebidas, Sr. Jones expõe sua fazenda ao desleixo e negligência o cuidado dos seus animais. Paralelamente, entre os animais que notavam a situação e o desamparo, um velho e nobre porco chamado Major marca uma reunião no celeiro e lança as bases do animalismo – um tipo de filosofia do valor da vida animal que se opõe ao homem, tendo-o por inimigo a ser eliminado. Posteriormente, o princípio do animalismo foi condensado na frase “quatro pernas bom; duas pernas ruim”, a fim de que os animais mais limitados pudessem compreendê-lo. A revolução é deflagrada e os porcos encabeçam a organização da vida pós-revolução na fazenda. Definem-se planos, alvos, mandamentos e papéis, tudo “democraticamente”, porém os porcos, liderados por Napoleão, usurpam o poder consolidando-se nele mediante mentiras, artimanhas e, por fim, pela violência.

A ideia de valer-se de uma fábula com animais para abordar o autoritarismo e denunciar seus crimes contra seus próprios ideais e contra as aspirações do povo teria partido de um episódio em que o autor, vivendo em uma pequena aldeia à época, presenciou um menino de, talvez, dez anos de idade chicoteando o cavalo que puxava sua carroça. A cena o fez refletir que o homem domina animais mais fortes que ele “da mesma maneira que os ricos exploram o proletariado” (Orwell, 2021, p. 9). Isso o levou a analisar a teoria marxiana a partir de uma possível perspectiva dos animais.

Mas **por que um corvo?** Ora, os corvos, destacados por sua inteligência e capacidades especiais como as de reproduzir a fala humana, usar ferramentas, reagir à morte de outro corvo de modo a lembrar um funeral, poder identificar rostos e até demonstrar rancor pela memória de maus-tratos humanos, são tipos ideais de seres que vivem entremundos. Em várias culturas os corvos inspiram interpretações acerca de fenômenos “sobrenaturais”.

Frequentemente eles são associados a agouros, maus presságios, castigos, mortes, almas amaldiçoadas e outros mistérios – inclusive, no clássico conto moderno *O corvo*, de Edgar Allan Poe, é um corvo que protagoniza uma visita sombria a um amante enlutado, o corvo Nuncamais (*Nevermore*), “esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais” (POE, 2020). Todavia, há também imagens positivas acerca dos corvos, sobretudo como figuras associadas às divindades. É o caso, por exemplo, dos corvos-olhos de Odin, Huginn (Pensamento) e Muninn (Memória), da mitologia nórdica (Sturluson, 2024; Bulfinch, 2006). Odin, deus dos corvos, os envia ao amanhecer para sobrevoar todo o mundo e eles retornam à hora do jantar para lhes relatar os muitos eventos ocorridos. Do mesmo modo, é um corvo enviado por Deus que surge na narrativa de Caim e Abel registrada na 5ª Surata do Alcorão. Ele ensina Caim a ocultar Abel, enterrando-o após assassiná-lo. E corvos surgem também no texto bíblico

judaico-cristão ora como advertência de maldição pelo desprezo e desobediência dos filhos aos pais⁵, ora como figuras da provisão de Deus aos seus, como o fez ao enviar corvos que traziam carne para o profeta Elias no ribeiro de Querite (Bíblia, 1993 [I Reis cap. 17]), ou em referência à provisão de alimentos e ao cuidado de Deus para com animais e pessoas (Bíblia, 1993 [Jó 38:4, Sl 147:9, Lc 12:24]).

Dessa forma, George Orwell encontrou no corvo um animal que bem tipifica qualquer mensageiro que traga aos homens o conhecimento transcendental e que simboliza a mediação no entremundos divino e humano. Mas não bastasse a figura do corvo por si só, este chama-se Moisés, nome do personagem bíblico que é sobretudo reconhecido como o libertador dos filhos de Israel da opressão da escravidão secular no Egito (Bíblia, 1993 [Êxodo]). Libertado o povo, Moisés o conduz à então conhecida região de Canaã – a “terra prometida” que estava por ser conquistada e que até hoje é cantada pelos judeus⁶. Esta jornada é corriqueiramente tomada como analogia da promessa aos cristãos de um paraíso celestial além da escravidão, dos desertos e dos inimigos terrenos. O corvo homônimo é também um arauto da libertação aos animais. Sua “terra prometida” é a Montanha Doce de Açúcar, um paraíso no qual iriam viver livres e fartos todos os animais após a morte.

O corvo Moisés é, portanto, uma representação da igreja cristã na sociedade e discute no enredo d'A revolução dos bichos tanto o seu valor quanto a sua utilidade em termos políticos na história social. Em uma leitura simples, nota-se que o corvo é dado pelos porcos que representam os líderes políticos da revolução no enredo como um “espião” do antigo regime do “tirano” Sr. Jones, sendo também considerado por eles como “um mentiroso” e “um orador esperto”. Embora assim exposto e contradito o corvo, é de se admirar que os porcos não tiveram nenhuma atitude mais drástica contra ele. Não o expulsaram sob a legação de espionagem a serviço dos interesses do Sr. Jones (como fizeram com o Bola de Neve) nem o levaram à execução (como fizeram a vários animais, inclusive outros porcos). Voltarei a este ponto adiante, mas antes vejamos o que tange ser considerado mentiroso e esperto por conta da mensagem que ele pregava.

A Montanha Doce de Açúcar: uma utopia cristã

Os porcos tiveram uma luta ainda mais difícil para contradizer as mentiras proferidas por Moisés, o corvo dócil. Moisés, animal de estimação favorito do Sr. Jones, era um espião e um mentiroso, mas também um orador esperto. Ele afirmou saber da existência de um lugar misterioso chamado Montanha Doce de Açúcar, para o qual todos os animais iriam quando morressem. Ele estava situado em algum lugar no céu, a uma pequena distância além das nuvens, disse Moisés. Na

⁵ “Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos no ribeiro os arrancarão e pelos pintãos da águia serão comidos” (Bíblia, 1993 [Provérbios 30:17]).

⁶ Refiro-me à demanda dos judeus da Palestina como Terra de Israel. Iniciada na primeira metade do século XX e reconhecida em 1948 com a fundação do moderno Estado de Israel, expressam em seu hino nacional, *Hatikvah* (A esperança), o desejo de “ser um povo livre em nossa terra, a terra de Sião e Jerusalém”.

Montanha Doce de Açúcar era domingo sete dias por semana, a grama crescia o ano inteiro e torrões de açúcar e bolos de linhaça davam em árvores. Os animais odiavam Moisés porque ele só contava histórias e não trabalhava, mas alguns deles acreditavam na Montanha Doce de Açúcar, e os porcos tinham que argumentar muito para convencê-los de que tal lugar não existia. Seus discípulos mais fiéis eram os dois cavalos de carga, Golias e Esperança. Os dois tinham uma grande dificuldade em pensar qualquer coisa por si mesmos, mas depois de aceitarem os porcos como professores, eles absorveram tudo o que lhes foi dito, e o repassaram tudo para os outros animais com argumentos simples (Orwell, 2022, p. 19-20).

Considerada uma narrativa utópica que distraia os animais da questão da opressão, naturalizando-a ao passo que sonhavam com a liberdade apenas no paraíso pós-morte, a primeira discussão a fazer é acerca do valor e da utilidade do discurso religioso, afinal **seria a religião uma utopia⁷ e serviria como um mecanismo de alienação (o “ópio do povo”) que mantém os oprimidos resignados e arrefecidos em relação a qualquer enfrentamento dos dramas “reais” da vida política manifestados no cotidiano?** Sim.

Aos porcos, a quem coube o trabalho de estruturar e ensinar a revolução por serem geralmente “reconhecidos como sendo os mais espertos dos animais” (Orwell, 2022, p. 17), a mensagem de tal paraíso animal tratava-se de uma mentira contada pelo corvo, uma mentira que precisava ser refutada, desmentida, porque tal montanha simplesmente “não existia”. Mas sendo uma “mentira”, a mensagem de uma Montanha Doce de Açúcar para onde iriam todos os animais após a morte não seria um problema se não fosse vista sobretudo como uma perda de foco nas questões “reais” da vida física dos ocupados ouvintes revolucionários: uma utopia alienante.

Como utopia, a religião é, então, pensada ambigualmente, tanto como um anseio do próprio oprimido, partindo dele mesmo a projeção de uma superação das suas aflições na Terra – o uso que ele faz do “ópio” ou da “pinga” para tentar se desvencilhar da dura realidade de sua vida⁸ –, quanto um mecanismo pelo qual o dominador lhe doutrina para mantê-lo nesta condição – um ópio para o povo⁹ (Boer, 2022). Em ambos

⁷ Embora os porcos se refiram à mensagem do corvo como uma mentira e eu esteja empregando o termo neste sentido, esclareço que utopia, enquanto um “não-lugar” (*ou-topos*) que sua etimologia pressupõe, e em se tratando de discussão antropológica acerca da religião, não significa falsidade. Como um sinônimo de religião e outras formas de descrição da realidade vivida, utopia se relaciona a uma matriz cosmológica a partir da qual o ser humano pode comparar o “ideal” e o “real”, normalmente em um contexto desfavorável, ou seja, “Utopia é a visão de uma comunidade ou sociedade idealizadas, tipicamente usada para criticar condições sociais vigentes e exercer pressão em prol de mudança” (Johnson, 1997, p. 426).

⁸ Boer (2022, p. 16) comenta esta ambiguidade da expressão de Marx de ser “tanto uma maldição barata para os pobres quanto um remédio vital, fonte de vício e inspiração para escritores e artistas”: tanto uma droga quanto um remédio, inclusive usado por Marx: “O fato de que o próprio Marx era um usuário regular de ópio aumenta a complexidade do termo. Junto com ‘remédios’ como arsênico e creosoto, Marx tomava o ópio para lidar com seus carbúnculos, problemas de fígado, dores de dente, olhos, ouvidos, tosse brônquica e assim por diante – a infinidade de doenças que vinham do seu crônico excesso de trabalho, falta de sono, fumo de cigarros consecutivos e infindáveis bules de café”.

⁹ Boer (2022, p. 17) sugere que na URSS “as pessoas costumavam usar a frase ‘ópio para o povo’ em vez de ‘ópio do povo’ como a definição padrão de religião”, reduzindo a ambiguidade da analogia a um único sentido: o de que as crenças religiosas são impostas às pessoas de fora para dentro como parte de um projeto de dominação para mantê-los distraídos da realidade, alienados sob ação de clérigos subservientes ao poder.

os casos, a perspectiva socialista preconizava a promessa do paraíso pós-morte como algo que não tinha nada a melhorar a condição de sofrimento e miséria dos oprimidos aqui na Terra.

A religião é uma das formas de opressão espiritual que está em toda a parte e em toda parte pesa sobre as massas populares, esmagadas pelo seu perpétuo trabalho para outros, pela carência e pelo isolamento. A impotência das classes exploradas na luta contra os exploradores gera, inevitavelmente, a fé numa vida melhor após a morte, assim como a impotência dos selvagens na luta contra a natureza gera a fé em deuses, demônios, milagres etc. [...] A religião é o ópio do povo. A religião é uma espécie de pinga espiritual na qual os escravos do capital afogam a sua imagem humana e suas exigências de uma vida humana minimamente digna (Lênin, 2022, p. 81-82).

Sendo a montanha uma utopia, na perspectiva dos porcos d'A revolução dos bichos, a religião estaria na categoria de "ideologia", nos termos marxistas. Assim, mesmo que não devesse ser tratada contundentemente como uma mentira de imediato, como uma ideologia estaria longe da esfera científica que o socialismo pretendia (Althusser, 2015) e, como uma "névoa", haveria de se dissipar com o progressivo esclarecimento do homem (Marx, 2013; Lênin, 2022). A religião como uma ideologia é primeiramente pensada como o resultado de uma visão invertida da realidade decorrente da opressão, ou seja, uma fantasiosa busca do oprimido por uma solução exterior ao homem, conformando-se humildemente com o seu destino de miséria supostamente inalterável, mas também é considerada um mecanismo ou aparelho de que se valem os dominadores para manter seus atributos e regalias diante dos oprimidos. É nesta esfera que a religião pode legitimar o opressor e a opressão, e a naturalizar a dominação como proveniente dos céus ao invés de encará-los como resultados de processos históricos.

Em todo caso, seja como uma inversão da realidade vivida ou como uma ideologia que mantém assim o oprimido sob a dominação discursiva, a religião haveria de ser superada um dia, pois o novo homem nascido da revolução socialista deveria "desprender-se do seu véu nebuloso e místico[...]" (Marx, 2013, p. 101) por ser ela mero "ópio" (Marx, 1843-1844) ou "uma espécie de pinga espiritual" (Lênin, 2022, p. 82). Eis porque, como é cediço, o importante não era apenas filosofar e deletar-se em pensar idealmente o mundo, interpretando-o, mas efetivamente transformá-lo (Marx, 1845), promover uma transformação que deveria se passar primeiramente no homem ao tomar consciência de sua condição de escravo e liberta-se de "preconceitos religiosos":

Mas o escravo que se conscientizou da sua escravidão e se ergueu para a luta pela sua emancipação já parcialmente deixou de ser escravo. O operário consciente moderno, educado pela grande indústria fabril, iluminado pela vida urbana, rejeita com desprezo os preconceitos

religiosos, deixa o céu à disposição dos padres e dos beatos burgueses, conquistando para si uma vida melhor aqui, na terra. O proletariado moderno coloca-se ao lado do socialismo, que alista a ciência na luta contra a névoa religiosa e liberta os operários da fé na vida após a morte por meio da sua união para uma verdadeira luta por uma vida terrena melhor (Lênin, 2022, p. 82).

Isso explica por que Golias e Esperança, que, aliás, têm outros nomes em outras versões (Sansão e Quitéria ou Boxer e Azedinha), seriam os mais propensos ao apego à mensagem do corvo, mais dados à ideologia fantasiosa do que à ciência material dos elaborados ensinamentos dos porcos. Neste ponto, cabe notar, então, o sutil perfil atribuído aos crentes representados pelos cavalos de carga que “não pensam por si mesmos”. **Pressupõe-se, então, um estereótipo de pessoas religiosas como sendo acríticas ou menos esclarecidas? Sim.**

A refutação dos porcos não superava com facilidade a vivacidade da mensagem do corvo. A limitação, contudo, não estava no ensino dos porcos, mas na capacidade cognitiva dos ouvintes. Mesmo desmentida, havia quem acreditasse na prédica do corvo. Entre os animais que acreditavam, como já dito, estavam os cavalos de carga Golias e Esperança que “tinham uma grande dificuldade em pensar qualquer coisa por si mesmos”. Eis o perfil ideal daqueles que acreditam no esperto orador religioso.

Estamos em dias diferentes. Atualmente não se trata mais de discutir o valor da religião, sobretudo em relação à Ciência (mas não se enganem, a questão é que não se discute mais porque a ciência venceu e a religião foi relegada ao espaço do privado, à plataforma de “outros saberes” menos mensuráveis, a não ser quando analisada pela própria ciência). Nem sempre foi assim, mas assumir-se religioso na academia pode ser, de certa forma, uma “cavalice” à semelhança de Golias e Esperança.

A situação mudou. No mundo sagrado, a experiência religiosa era parte integrante de cada um, da mesma forma como o sexo, a cor da pele, os membros, a linguagem. Uma pessoa sem religião era uma anomalia. No mundo dessacralizado as coisas se inverteram. Menos entre os homens comuns, externos aos círculos acadêmicos, mas de forma intensa entre aqueles que pretendem já haver passado pela iluminação científica, o embaraço frente à experiência religiosa pessoal é inegável. Por razões óbvias. Confessar-se religioso equivale a confessar-se como habitante do mundo encantado e mágico do passado, ainda que apenas parcialmente. E o embaraço vai crescendo à medida em que nos aproximamos das ciências humanas, justamente aquelas que estudam a religião (Alves, 2014, p. 10-11).

Enfim retorno a questão deixada há pouco acerca de **o que levou os porcos a não tomarem nenhuma atitude mais drástica contra o corvo, seja expulsando-o da fazenda ou executando-o sob a alegação de traição à**

revolução a serviço do Sr. Jones, como fizeram a outros animais? Penso que bem pode ter sido em razão do aceite dos animais ouvintes, pois “muitos dos animais acreditavam nele. No momento, suas vidas eram, assim achavam, cheias de fome e trabalho; não era certo e justo que um mundo melhor existisse em outro lugar?” (Orwell, 2022, p. 134). Apesar dos esforços dos porcos, os animais ouvintes não tomaram a Montanha por uma mentira do corvo, mas como uma inspiração que lhes servia para o lado sonhador, uma “esperança”¹⁰ norteadora da conduta na vida (Pinezi, 2015). A mensagem correspondia a todo o anseio dos animais, tudo pelo que sonhavam nos pesados dias de trabalho na fazenda: descanso (domingo todo dia), fartura de alimento e ausência de sofrimento. Contudo, apenas após a morte.

Não é que se possa eximir a igreja cristã histórica de desvios e consequências trágicas no rastro da humanidade, mas bem caberia dizer que “atire a primeira pedra” quem já foi submetido ao escrutínio da história e tenha sido absolvido por ela. Culpabilizar genérica e anacronicamente apenas a igreja, os padres e os missionários das chamadas Idades Média e Moderna, sobretudo nos períodos de dominação e colonização que aqui, no Brasil, estendem-se de meados do século XVI ao início do século XIX, é narrativa politiqueira. Juristas, militares, políticos, médicos e cientistas da época também cancelaram as arbitrariedades que estão expostas até nos mais concisos livros de história.

No que diz respeito à Ciência, em tese, não há mais a mesma exigência que houve nos séculos XVIII e XIX de um ateísmo no cientista (Evans-Pritchard, 1986) – tema que abordei em Dias (2022) –, privilegia-se agora o “agnosticismo metodológico” que não pressupõe mais a neutralidade, mas invoca a imparcialidade analítica (Cardoso de Oliveira, 2003). Sabe-se, contudo, que nem na Ciência há inocentes. O campo científico nunca esteve nem está, de fato, isento de políticas e de tramas pelo monopólio da verdade.

Tão pouco o socialismo, tão implacável com as “ideologias” (daí a crítica à religião), pode-se apresentar historicamente “inocente”. N’A revolução dos bichos, George Orwell aponta o quanto qualquer regime político pode se tornar totalitário e traidor de ideias das massas. Em suas palavras, deixa claro que sua intenção era combater o “mito soviético”, a utopia de que o que se passava na Rússia era uma revolução socialista no *stricto sensu*:

De fato, na minha opinião, nada contribuiu tanto para a corrupção da ideia original do socialismo do que a crença de que a Rússia é um país socialista, e que cada ato dos seus regentes deve ser desculpado, se não imitado. E assim, pelos últimos dez anos, tenho sido convencido de que a destruição do mito soviético é essencial se quisermos um

¹⁰ Pinezi (2015) centrou-se na noção de esperança como “um elemento fundamental da dimensão religiosa” para pensá-la como princípio orientador que determina as condutas típicas dos fiéis. Constatou-se que os fiéis de igrejas neopentecostais (a IURD e a IIGD) e de igrejas tradicionais (como a Igreja Presbiteriana) divergem substancialmente no trato com os assuntos da vida em razão da ótica da esperança: ou voltada para cá (os neopentecostais) ou para o além (os tradicionais). Estas diferentes óticas estruturam os diferentes modos de ver a vida, o sofrimento e a morte. Em síntese, enquanto neopentecostais veem-se abençoados a usufruir o melhor da Terra, os tradicionais entendem que essas bênçãos estão reservadas para a vida no céu.

reavivamento do movimento socialista (Orwell, 2021, p. 9).

Aproveitando a brecha que Orwell abre ao definir o socialista da Rússia como um “mito” parece ser possível arrazoar que o socialismo, apesar da pretensão de ser científico, pode também se “reduzir” a uma “ideologia”. No enredo, assim como o corvo, os porcos também são considerados “espertos”; e se a montanha era uma utopia, o discurso inicial da revolução feito pelo Major – entendido como uma referência a Marx (ou Lênin) no papel de pensador da revolução – também passava por um “sonho”.

Posto nesta categoria, Koyzis (2021) sugere o socialismo – assim como outras teorias políticas que ele define como “ideologias políticas” – uma continuidade da idolatria religiosa por colocar o homem, o partido ou o governo no lugar de foco absoluto. A concepção teológica de idolatria é, então, pensada como a matriz das ideologias políticas, um modo de idolatria sutil, não tão visível quanto as formas religiosas, mas não menos “idolatria” pela natureza de sua pretensão de ser “adorada” como verdade condutora.

Os seres humanos são inevitavelmente criaturas que adoram, embora nem todos admitam isso de si mesmos. Um ateu nega a crença em Deus, mas pode de fato adorar a racionalidade, a habilidade artística ou o poder militar. Mesmo crentes nominais em Deus podem servir a ídolos como o sucesso financeiro, o prestígio social ou o poder político. Pelo fato de a idolatria, nesse segundo sentido, ser tão indireta e menos abertamente experimentada como tal, em geral não a reconhecemos pelo que ela é. Contudo, é nesse tipo de idolatria que a ideologia está enraizada (Koyzis, 2021, p. 38-39).

Este enraizamento da idolatria nas ideologias ou perspectivas políticas é o alvo da análise teológico-reformada de Koyzis e a trouxe a essa reflexão por conta da sugestão de que a oposição à religião por parte de setores socialistas pode resumir-se a uma busca do monopólio da verdade na mente humana, trama que não está ausente em outra obra de George Orwell, a distopia futurista *1984* (Orwell, 2009).

O corvo domesticado: a mensidão e o contentamento da religião

...Moisés, o corvo dócil... (Orwell, 2022, p. 6).

Moisés, animal de estimação favorito do Sr. Jones [...]. Ele se sentava durante dias inteiros em sua cadeira de madeira na cozinha, lendo os jornais, bebendo e ocasionalmente alimentando Moisés com pedaços de casca de pão embebidas em cerveja (Orwell, 2022, p. 19-20).

Uma coisa que era difícil de entender era a atitude dos porcos para com Moisés. Todos eles declararam desdenhosamente que suas histórias sobre o Montanha Doce de Açúcar eram mentiras, e ainda assim permitiam que ele permanecesse na fazenda, sem trabalhar, com uma mesada diária de um pouco de cerveja (Orwell, 2022, p. 100).

Inicialmente, o corvo é descrito como domesticado e nutrido pelo Sr. Jones, de quem era “animal de estimação favorito”. Curiosamente, após a revolução, o corvo continua sendo mantido com porção diária de alimentos, mas agora pelos porcos. Estas duas referências fazem alusão ao cristianismo institucionalizado e acomodado de sua missão por conta de compromissos assumidos com o Estado.

Nada impede que a igreja cristã se harmonize com o Estado para o bem humano. “Como há pouco recordamos que o governo civil é distinto do Reino espiritual e interior de Cristo, precisamos considerar que não se opõe a ele” disse Calvino (Calvin, 2009, p. 876) afirmando simultaneamente a distinção dos lugares e dos modos de atuação do Estado e da Igreja e a possibilidade de coatuação por conta da natureza comum, posto que a administração eclesiástica e o Governo Civil seriam igualmente “autoridades instituídas por Deus” para a vida humana em sociedade. Cada uma na sua vocação, autônomas, mas não excludentes, nunca inimigas, nem mesmo em tempo de contestação de conduta imprópria de uma das partes.

Contudo, o que se pode inferir desta alusão ao corvo “domesticado”, isto é, amansado de sua natureza selvagem pela ação humana, é que como um animalzinho “dócil” e um parceiro sustentado a religião perde a sua capacidade de bater de frente e incomodar as pessoas que estão no poder denunciando-lhes as arbitrariedades e desvios. O corvo domesticado tipifica a religião aos auspícios do poder.

Nem sempre foi assim. Todo o discurso de paz e de amor da igreja moderna se torna um eco abafado em meio a tantas vozes salvíficas no mundo, e foi assim reduzida a uma agência conformista que atua apenas onde o poder consente e ensina onde a academia lhe designa espaço. Que fale de sua montanha, que não faça o seu trabalho, mas que não se oponha diante dos abusos aos demais. Não há no enredo d’A revolução dos bichos nenhuma oposição do corvo nem aos Jones nem aos porcos; nenhum discurso em favor dos animais ou para a sua conscientização.

Quando se projeta para a eternidade, na sua “Montanha Doce de Açúcar”, a fé cristã não devia ter por finalidade alienar o homem de sua humanidade, mas inspirá-lo. E esta inspiração não significa um abandono da mundanidade ou fuga do mundo nem uma motivação à apatia histórica. Pelo contrário, o ethos cristão é orientado para a ação pela vida, para a justiça e para os outros, o que inclui ações voluntárias na saúde, na família e na educação. É o discurso laicista¹¹ militante que diz aos cristãos: reservem-se ao espaço particular, excluindo-os dos espaços públicos. Discurso que a igreja anuiu tomando-o em uma ruptura total com o Estado justificando-se teologicamente no viés

¹¹ É necessário diferenciar as posturas laica e laicista. Bobbio (1999) fez este aporte ao contestar o Manifesto Laico, de 1999. Como ele distinguiu, laicismo é uma infundada postura de combate à religião ao passo que “o espírito laico não é em si mesmo uma nova cultura, mas a condição para a convivência de todas as culturas possíveis” (tradução minha). Assim, o laicismo é a atitude ideologicamente militante, controladora, criminalizadora da religião, que contraria os próprios pressupostos da laicidade. Laicidade é, por sua vez, a atitude mutuamente amistosa de separação entre Igreja e Estado, para que este, mantendo-se sem interferência religiosa particular na administração pública, possa atender a todos os cidadãos indistintamente. Hervieu-Léger (2015, p. 187) endossa que “precisamos nos lembrar de que não é à religião enquanto tal que a laicidade se opõe, mas à tutela clerical que a instituição religiosa entendia fazer pesar sobre o poder político”.

interpretativo de que se trata de “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Teologia a parte, a noção laicista vigente da “completa separação da Igreja e do Estado” é, de fato, doutrina leninista:

Nós, socialistas, devemos apoiar este movimento, levando até o fim as reivindicações dos membros honestos e sinceros do clero, agarrando-lhes na palavra sobre a liberdade, exigindo deles que rompam decididamente todos os laços entre a religião e a polícia. Ou são sinceros, e então deverão ser favoráveis à completa separação entre a igreja e o Estado e entre a escola e a igreja, com que a religião seja completa e incondicionalmente declarada um assunto privado. Ou não aceitarão estas reivindicações de liberdade consequentes, e então quer dizer que são ainda prisioneiros das tradições da Inquisição [...] (Lênin, 2022, p. 84).

Ora, que a igreja não deve se intrometer – como instituição de fé – nos assuntos da gestão governamental e, reciprocamente, não deve o Estado nem se intrometer na administração eclesiástica nem subvencionar qualquer segmento religioso tratando-o preferencialmente em relação aos demais, há consenso amplo de que se trata uma boa política, mas o problema é excluir ou expulsar a religião dos espaços públicos em nome de uma política de governo, ou seja, a separação deixa de ser de Igreja e Estado para ser de Religião e Política (Freston, 2006), assim cindindo o próprio ser humano.

Devo lembrar que a proposta de Lênin (2022) era, no primeiro momento, uma ação combativa necessária aos abusos históricos da Igreja ortodoxa enquanto corvo domesticado do czarismo e à sua resistência à revolução mediante pregações em seus púlpitos, mas também, neste afã, se combatia toda expressão religiosa relegando-a a uma ideologia que, por sua fragilidade diante da ciência, seria naturalmente eliminada com o avanço progressivo da mentalidade socialista para a emancipação do proletariado.

Por trás do discurso de que “a unidade desta luta realmente revolucionária da classe oprimida pela criação do paraíso na terra é mais importante para nós do que a unidade de opiniões entre os proletários sobre o paraíso no céu” (Lênin, 2022, p. 86) havia a permissão de que aliados – proletários ou do clero ortodoxo – pertencessem ao partido, porque a religião não deveria ser, naquele momento crucial da história, uma causa de perda de forças e aliados. Contudo, o ateísmo é que seria a propaganda partidária e o tempo daria conta dos resquícios da religiosidade: Os porcos alimentando o corvo, mas chamando-o de mentiroso e refutando-o em seu ensino animalista aos animais da fazenda.

Não se trata, portando, de uma questão de liberdade administrativa, mas de uma cisão para redução espacial de ação, uma primeira expulsão da religião do Estado e da escola. Nem sempre foi assim, repito. Política é sim um tema bíblico e requer posicionamentos políticos individuais e sociais dos cristãos. No século XVI, a voz dos reformadores, mesmo tendo clareza de pensamento acerca da diferença na natureza da Igreja e do Governo civil, como dito há pouco, concebia a soberania de Deus sobre toda a Terra (Lutero, 2019; Calvin, 2009). Na cosmologia reformada não se perdia a consciência

de que compete exclusiva e soberanamente a Deus o “distribuir reinos e estabelecer reis conforme seu beneplácito” (Calvin, 2009, p. 897) e que todo governante prestará conta a Ele. Considerava-se que “toda autoridade provém de Deus” e que se devia obedecer e orar pelos governantes independentemente de serem cristãos ou não, mas também se fazia alusão um tipo de “desobediência civil” que exige do cristão uma posição de recusa da injustiça e de qualquer ordenança que se mostrasse contrária à ética cristã.

O Estado pode ser laico e até ateu, mas não pode ser oposto à religião (Hervieu-Leger 2015). Por outro lado, o cristão não precisa resignar-se ao privado como que entendendo (e concordando) que o Estado seja um mundo à parte de sua fé, entregue por Deus aos homens para agirem contra si próprios. Se líderes cristãos historicamente extrapolaram seus limites ao se aliarem ou se imiscuírem na administração pública, outros, por sua vez, também se apequenaram ao fechar os olhos à injustiça, ao abandono dos vulneráveis e ao não denunciar a opressão de seus dias.

Ao se referir ao “Deus dos oprimidos”, Alves (2014) pontua a ação dos profetas do Velho Testamento bíblico como uma forma de ação político-religiosa combativa da opressão e dos abusos de poder. Representavam um Deus que se ocupava com as ações dos reis e dos poderosos. Agiam a favor da justiça contra quem quer que fosse, de líderes políticos a sacerdotes religiosos:

Muitos séculos atrás, bem antes dos tempos de Cristo, surgiram entre os hebreus uma estranha estirpe de líderes religiosos, os profetas. Quem eram eles? Em geral as pessoas pensam que profetas são videntes dotados de poderes especiais para prever o futuro, sem muito o que dizer sobre o aqui e o agora. Nada mais distante da vocação do profeta hebreu, que se dedicava, com paixão sem paralelo, a ver, compreender, anunciar e denunciar o que ocorria no seu presente. Tanto assim que suas pregações estavam mais próximas de editoriais políticos de jornais que de meditações espirituais de gurus religiosos. Eles pouco ou nada se preocupavam com aquilo que vulgarmente consideramos como propriamente pertencendo ao círculo do sagrado: o cultivo das experiências místicas, das atitudes piedosas e das celebrações cerimoniais está praticamente ausente do âmbito dos seus interesses. Na verdade, boa parte de sua pregação era tomada pelo ataque às práticas religiosas dominantes em seus dias, patrocinadas e celebradas pela classe sacerdotal. E isto porque eles entendiam que o sagrado, a que davam o nome de vontade de Deus, tinha a ver fundamentalmente com a *justiça* e a *misericórdia*. Em suas bocas tais palavras tinham um sentido político e social que todos entendiam. Para se compreender o que diziam não era necessário ser filósofo ou teólogo. Sua pregação estava colada à situação dos homens comuns. [...] Sua denúncia profética, assim, se dirigia não apenas àqueles que efetivamente oprimiam os fracos, como também àqueles que sacralizavam e justificavam a opressão, envolvendo-a na aura da aprovação divina. Foi assim que, cerca de 2 500 anos antes que qualquer pessoa dissesse que a religião

é o ópio do povo, eles perceberam que até mesmo os nomes de Deus e os símbolos sagrados podem ser usados pelos interesses da opressão, e acusaram os sacerdotes de enganadores do povo e os falsos profetas de pregadores de ilusões: “Eles enganam o meu povo dizendo que tudo vai bem quando nada vai bem. Pretendem esconder as rachaduras na parede com uma mão de cal [...]” (Alves, 2014, p. 101 e 103).

O profeta Elias foi chamado de “perturbador de Israel” pelo rei Acabe por conta de suas ações contra as injustiças do rei; Eliseu agiu diretamente nos rumos de guerras contra os inimigos de Israel, denunciando-lhes suas emboscadas ao rei de seu tempo; Daniel, na corte babilônica, causou impacto por sua sabedoria, mas sua vida ali sempre apontou aos imperadores que acima deles havia um Deus universal que atuava diretamente na história humana. Que dizer de todos os profetas do Antigo Testamento? Ungiram reis, mas também desmascaram seus pecados. A ação deles foi sempre sentida não apenas no ensino e na admoestação religiosa, mas também na política. Jeremias dizia que “começando de madrugada” os profetas advertiam o povo contra a maldade que chegou ao ponto de queimarem os próprios filhos a uma divindade cananeia. O Deus dos profetas cuidava das crianças, dos órfãos, das viúvas, dos estrangeiros, dos injustiçados, dos vulnerabilizados... exigia julgamentos justos, não se corrompia com adulações e sacrifícios de reis maus. Atuava politicamente em todos os espaços da vida da nação, pois “injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todos os lugares” (King, 2020, p. 103).

Que a mensagem cristã é pacífica, não significa que seja conivente. No plano salvífico, Cristo veio para morrer, como ovelha, mas ele é também leão... rei que regerá com vara de ferro, punindo veemente e irremediavelmente as injustiças. Quem lê os Evangelhos deve ler também o Apocalipse (Engels leu). Toda injustiça desagrade a Deus em sua santidade. Se a igreja não se insurge contra a injustiça política, se cala diante de qualquer forma de opressão e opta pela indiferença ao seu contexto social (Gramsci, 2020) não está sendo o sal que salga nem a luz que deve revelar suas obscuridades.

Portanto, longe de ser uma agência “domesticada” e “dócil” para com os agentes do poder no mundo; subserviente e cúmplice de qualquer projeto de opressão e ambígua em seus posicionamentos, a igreja cristã é chamada, sobretudo, a zelar pela justiça na Terra, para que seja aqui como acredita ser lá no Céu, conforme sua oração (Bíblia, 1993 [Mt 6:10]).

Estar “no mundo” (a vida no mundo geográfico) não significa “ser do mundo” (regido pelo ethos do sistema corrupto e falível que se insurge contra a justiça). Não há respaldo efetivamente teológico em promover uma alienação do fiel de suas atribuições civis e de seus direitos legais em um Estado de Democrático de Direito. Tão pouco entender a diferença entre as missões específicas da Igreja e do Estado no mundo significa resignar-se ao privado e abandonar o interesse público, como pressupõem as

narrativas de dominadores que, na verdade, pretendem o monopólio de suas visões de mundo ao invés de uma real inclusão democrática de todos nos Governos.

Alves (2014) considera que os sociólogos sejam os substitutos dos profetas hebreus na ação de denunciar e resistir à opressão dos poderosos que se corrompem em seus ofícios. Isso é possível, afinal os cristãos abriram mão desta incumbência ao se restringirem aos espaços privados e negociarem com o Estado uma não-atuação pública. Resignaram-se a falar da esperança pós-morte assim como o corvo fala de sua Montanha Doce de Açúcar e apenas isso; e, como ele, a viver de ração consentida (o espaço delimitado) pelos dominadores sem perceber que esta benevolência é, de fato, o preço do silêncio de sua função profética em meio a uma sociedade oprimida.

O corvo dormindo, ausente da fazenda e inalterado: a religião distante

Agora todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo dócil que dormia em um poleiro atrás da porta dos fundos (Orwell, 2022, p. 6)

Em meados do verão, o corvo Moisés reapareceu repentinamente na fazenda, após uma ausência de vários anos. Ele permaneceu bastante inalterado: ainda não trabalhava e ficou falando como sempre sobre a Montanha Doce de Açúcar (Orwell, 2022, p. 134-135).

É digno de nota que o corvo tenha sido visto “dormindo” no poleiro enquanto todos os animais estavam reunidos no celeiro ouvindo o porco Major discursar acerca do animalismo e da necessidade da luta contra a opressão histórica promovida pelo homem. Tempos depois, descreve-se que ele esteve “ausente” da fazenda e da vida dos animais por anos, reaparecendo “inalterado”, com a mesma mensagem da Montanha Doce de Açúcar. A primeira referência é ao modo com que a religião (des)trata os temas de preocupação social; a segunda, ao distanciamento da realidade cotidiana da sociedade; e a terceira, à não abrangência dos temas circunstanciais da vida social.

O corvo era um “excelente orador” com uma mensagem igualmente poderosa diante de seu público, mas não tinha empatia alguma com os animais em suas preocupações. Dormia enquanto os animais ouviam outra mensagem; desistiu de ser um agente protagonista, fosse para concordar ou para fazer ressalvas ao Major. Na verdade, em nenhum momento político do enredo o corvo aparece. Com isso, viu silenciosa e passivamente os porcos implantarem sua visão de mundo como única e comum a todos.

A metáfora do sono do corvo é deveras compatível com a inércia, com a indiferença com que agências cristãs parecem (des)tratar os temas sociais e políticos. Pouco importava ao corvo se o Major estava a falar de liberdade e a lançar as bases do animalismo e da revolução. A vida na fazenda Solar nunca mais seria a mesma depois disso, mas o corvo não participou dessa discussão. O cristianismo atual continua a insistir em dormir assim, em demonstrar ao mundo que não se solidariza com aqueles que estão em busca de respostas, sendo descompromissado com a ação

pró-resolução das crises sociais instauradas e por se resignar e priorizar unicamente o transcendental. É perfeitamente cabível pensar o sono do corvo em um momento tão significativo na fazenda Solar como uma mensagem de indiferença, um bom retrato dos que insistem em ser “a-políticos”, mas que pretendem mesmo é serem poupados das discussões relevantes e pungentes da sociedade em contextos decisivos. Não se discute política, ação social normalmente em contrapartida da evangelização das pessoas, sem representatividade nas pautas comunitárias nem interesse nas discussões nacionais. Dormindo...

No mesmo naipe, a referência a uma ausência do corvo da fazenda por vários anos, sem nenhum motivo, reforça o distanciamento psicossocial que se expressa na indiferença aos dramas vividos pelos seus concidadãos. A menção a permanecer inalterado nos seus modos e temas diz respeito a dificuldade da Igreja de se perceber em seu tempo. Ora, a igreja cristã não se ausentara fisicamente da história humana, mas em vários momentos sua presença não se fez significativamente notada, sobretudo nos momentos de convulsões sociais. De tempos em tempos, o cristianismo viveu momentos chamados de reavivamentos, ou seja, de ressurgimento ao retornar aos fundamentos de sua fé e prática. A virtude destes momentos de reavivamento é a retomada de uma expansão do cristianismo por conversões e o reaquecimento da fé acompanhado de mudanças significativas nas vidas dos fiéis e, conseqüentemente, de suas comunidades. Porém, a mudança não se processava semelhantemente no plano macrossocial. Uma coisa é converter um coração à fé; outra coisa, diferente por sinal, mas tão necessária é promover educativa e politicamente meios para a superação de sua condição sociopolítica adversa.

É possível a Igreja se fazer parceira social dos oprimidos, sobretudo quando percebe que seus próprios membros estão entre eles. Tomo por exemplo a ação política decisiva na luta pelos direitos civis dos negros nos EUA nas décadas de 1950 e 1960. Ao abordar o tema da escravidão nos EUA e a ambiguidade dos posicionamentos das igrejas protestantes neste tema, González (2011) perpassa também por questões tangentes como o racismo escrachado das igrejas do Sul e o segregacionismo autorizado pelo Supremo tribunal em 1829. Afirmando o papel da Igreja Metodista Episcopal Africana e a da Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião, no Norte, dentre outras igrejas negras que tiveram grande impacto na luta contra a discriminação racial, González aponta que:

Essas duas igrejas, e as muitas outras resultantes da expulsão dos negros das igrejas brancas, logo se constituíram numa das principais instituições da sociedade negra. Visto que a única posição de prestígio a que os negros tinham acesso relativamente livre era o ministério, durante um século muitos dos negros mais notáveis foram pastores. Em algumas dessas igrejas, pregava-se a submissão à injustiça reinante enquanto se esperava a vida celestial. Em outras, pregava-se uma mensagem mais radical. Todas, porém, contribuíram para dar

à população negra o sentido de identidade e de coesão que cem anos mais tarde haveria de manifestar-se em sua luta pelos direitos civis (González, 2011, p. 387).

Com isso – isto é, com uma igreja que se pensa em um mundo adverso tecendo sua própria identidade e coesão comunitária – é que entendemos que a luta pelos direitos civis não foi um acidente, um acaso histórico, mas um desdobramento de uma conscientização institucional que amadureceu na experiência religiosa americana em meados do século XX e clamava: “Não podemos esperar”.

Foi em uma Sexta-feira Santa, e havia uma igreja cheia de pessoas esperando para marchar pela liberdade seguindo o Dr. Martin Luther King Jr. Seus objetivos incluíam a eliminação da rígida segregação de Birmingham. Eles queriam o direito ao voto. Eles queriam empregos e a capacidade de provar uma roupa em qualquer lugar que comprassem. Queriam que as escolas públicas abrissem suas portas para qualquer criança, independentemente da cor de suas peles. Os afro-americanos tinham que formar uma fila separada e esperar por atendimento até nas lojas de bebida. Mesmo assim, continuávamos a cantar “We would not let anything turn us around”, um de nossos mais populares cantos de liberdade. [...] Como Martin disse: “Não podemos esperar”. Não podemos esperar, porque as cadeias estão cheias de jovens negros, incluindo muitos pais que são incapazes de criar os filhos. Não podemos esperar, porque agora sabemos que falhar em fazer da educação uma prioridade é trair os talentos latentes. Não podemos esperar, porque nossos homens e mulheres jovens estão sendo programados para matar (e chamam isso de “servir o nosso país”). Nada disso é sugerir que a estrada pela frente será fácil. A luta de Birmingham foi difícil. Porém, lembro-me algo que um empresário branco local me disse muitos anos antes dos eventos contados neste livro. O Sr. Emil Hess tinha tido a coragem de reconhecer Birmingham como a catapulta da América para dentro do século XX. Se nos atentarmos para o chamado de Martin Luther King nos dias de hoje, podemos começar uma luta que irá catapultar nossa nação em direção a um novo século de progresso, ainda mais empolgante, rumo ao ideal de paz com justiça social (Cotton, 2020, p. 9-10; 12-13).

Apesar das críticas de outras igrejas que consideraram extremista tal reação, convenhamos que não se tratava de nenhuma afronta aos princípios cristãos. O legado que deixa nos interroga constrangedoramente: é difícil agir assim? Acredito que não. Em um mundo de efervescências sociais não há como ensurdecer-se diante do clamor por justiça. Aqui se aplica o retorno inalterado do corvo, nada melhorado nos anos em que esteve ausente no enredo d'A revolução dos bichos. Penso que seja uma referência à não inclusão das pautas circunstanciais da vida social na sua própria cosmovisão. Ele continuava sem trabalhar (sustentado pelos porcos, como já visto) junto aos demais animais, e sua mensagem era a mesma. Como dito há pouco de algumas igrejas:

“pregava-se a submissão à injustiça reinante enquanto se esperava a vida celestial” (González, 2011, p. 387).

Dormindo ou ausente são, portanto, indicativos deste distanciamento psicossociais dos temas e dos cotidianos das pessoas, mas o mostrar-se “inalterado” expõe uma resistência a ver-se realmente significativo em novos cenários no mundo e desatualizado na história humana. O céu não pode ser uma panaceia. A mensagem cristã não se reduz a um único remédio para a dor humana. Não se pode negar que o cristianismo tenha vivido mudanças com o passar do tempo, mas é possível que estas mudanças ocasionalmente ocorridas não tenham penetrado nos jardins secretos da cosmovisão cristã como devia. Não virou hábito. Não reorientou credo e práxis. O tradicionalismo cristão não deve servir de escusa ao enfrentamento de novas realidades, novas teorias e mentalidades e novas conjunturas políticas que exigem a consciência do “não podemos esperar” de Luther King.

A discussão de temas do passado nunca equacionados sufoca a reflexão em temas atuais que demandam urgência e um posicionamento minimamente coeso da Igreja cristã. Boa parte das discussões teológicas são aparentemente inesgotáveis. Dividem os vários segmentos e acabam por justificar separatismos. São Montanhas Doces de Açúcar que em nada melhoram a vida terrena; não reverberam em ações transformadoras das realidades sociais. O corvo inalterado tampouco pode alterar qualquer situação política desfavorável.

O distanciamento é, portanto, opcional, em parte mal relacionada à cosmovisão no que compreende que “o mundo jaz no maligno” e que ele é perigoso inimigo do cristão pela sedução que provoca à vida de prazeres na Terra –, mas também tem a ver com a perspectiva particular daqueles que conduzem os fiéis. Quando Luxemburgo (2011) se referiu à ação de padres ortodoxos que se valiam dos sermões para inflamar os ânimos dos fiéis contra os socialistas e suas reivindicações por seus interesses políticos, ela demonstra estar ciente de que tal prática contradizia o próprio cristianismo dos tempos apostólicos, tido por ela como um tipo de comunismo da época. De fato, o distanciamento da realidade temporal dos fiéis não é uma doutrina cristã, mas uma opinião tomada a partir de (des)interesses grupais. O corvo se ausenta da fazenda quando bem lhe convém.

Nem Engels (2011) nem Luxemburgo (2011) entenderam o desinteresse de suas pautas pela Igreja de seu tempo. Questionaram a incoerência ética de – tal qual a ocorrida por ocasião da assunção da condição de religião do Estado no século IV quando o cristianismo teria passado de um comunismo primário a uma aliada do poder – a igreja ortodoxa russa subsidiar o decadente czarismo em seus dias.

Engels (2011) correlacionou certo “comunismo” dos cristãos primitivos ao espírito do socialismo, dizendo que: “os dois, o cristianismo como o socialismo operário, pregam uma libertação próxima da servidão e da miséria”. Dada a semelhança, a diferença seria de proposta, pois “o cristianismo transpõe essa libertação para o Além, numa

vida depois da morte, no céu; o socialismo coloca-a no mundo, numa transformação da sociedade”. Pensar apenas no Além faz toda diferença no viver na Terra – eis por que talvez o corvo não trabalhasse, e contentava-se com a mesada dos porcos. Os socialistas, porém, não pretendendo os donativos dos mais ricos, contrariam-se na eliminação da dicotomia rico/pobre a partir do trabalho para a produção de sua própria riqueza.

Com esta abordagem volta-se, inevitavelmente, ao tema da alienação. A religião, mesmo supostamente tendo sido algum tipo de protocomunismo para Engels e Rosa Luxemburgo, sendo temporal e limitado, nada teria a agregar ao novo comunismo. Como ideologia, não fundamentada em verdades científicas, o cristianismo não interessaria mais e havia se tornado um mecanismo de dominação dos poderosos sobre os trabalhadores.

Se a igreja assim se porta socialmente no mundo, não serve nem para ele nem, muito menos, ao seu Senhor. De fato, ela terá se tornado o sal insípido e a luz escondida da referência de Cristo em seu popular “Sermão da Montanha” que, aliás, nada tem a ver com a Montanha Doce de Açúcar do corvo Moisés. Naquele sermão, tanto as metáforas do sal [da terra] quanto a da luz [do mundo] remetem à utilidade da igreja cristã “no” e “para o” mundo dos homens, não em referência ao pós-morte. É dito que tal qual uma lamparina escondida sob um cesto não traria a luz na casa, o sal, tornando-se insípido “para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Bíblia, 1993 [Mt 5:13]).

Assim, dormindo, ausente e inalterada – à semelhança do corvo no enredo – a igreja cristã perde absolutamente sua finalidade na história humana, e, neste caso, torna-se, sim, qualquer outra coisa desde um discurso oco a uma religião alienante que bem corresponderia aos rótulos a ela conferida na crítica socialista: o corvo se ausentando novamente da fazenda... E nesta circunstância, os fiéis hão de concordar com Rosa Luxemburgo na crítica a esta igreja desviada de sua natureza cristã:

E, se Cristo aparecesse hoje na terra, atacaria com certeza os padres, os bispos e arcebispos que defendem os ricos e vivem explorando os desafortunados, como outrora atacou os comerciantes que expulsou do templo para que a presença ignóbil deles não maculasse a Casa de Deus (Luxemburgo, 2011, p. 53-54).

De tudo o que foi dito, há, contudo, uma ressalva a ser feita à analogia do corvo como a religião cristã. No que tange ao corvo Moisés como o utópico mensageiro de um paraíso pós-morte (em alusão ao Céu cristão), esquece-se que Moisés, o libertador israelita que lhe inspira o nome, não se limitou a uma libertação pós-morte. De fato, Moisés foi um grande líder político que conduziu a população israelita de uma servidão egípcia à terra de sua libertação, um legislador que consolidou o projeto de uma nação livre que deveria ser justa. Israel era, sim, uma teocracia, mas que estava longe de fomentar uma alienação política. Nem sempre, repito, a religião esteve dormindo, ausente e inalterada.

Considerações

Alves (2014) elenca figuras religiosas recentes que pagaram com suas vidas a sustentação de suas mensagens. “Mahatma Gandhi, líder hindu, assassinado em 1948. Martin Luther King, pastor protestante, assassinado em 1968. Oscar Ranulfo Homero, arcebispo católico, assassinado em 1980”. A lista vai muito além, mas ainda é pouco.

No Brasil, o cristianismo é diverso, múltiplo, sem centralidade. Talvez até seria melhor se referir a cristianismos, no plural, pelas muitas diferenças. Pela liberdade que tem para crescer, projeta-se que esta nação se torne um país predominantemente evangélico até meados da próxima década. O que isso implicará? Teme-se o corvo no poder; eu receio a inoperância social dele.

No Brasil, confirma-se que maioria numérica não significa maioria sociológica (em referência à atuação política). A maioria populacional brasileira é de mulheres e negros, nem por isso temos igual proporção na representatividade política. Apesar dos alardes militantes na mídia, um bando de corvos dóceis pode não significar nenhuma alteração no programa político da elite brasileira.

Reconheço a impactante ação de algumas igrejas na política, na educação, no socorro social aos vulneráveis (crianças, idosos, pessoas em situação de rua), no apoio a pessoas em adição de substâncias psicoativas e do álcool e a seus familiares – dentre outras assistências prestadas mediante a tão atacada ação missionária. Contudo, estas ações não são sentidas em uma profundidade que se possa dizer civil ou nacional. Partem de poucos recursos privados e de voluntários, muito em razão do receio de envolvimento político. Mesmo decorrendo da natureza do cristianismo – a caridade ou as boas obras características – tais ações não deixam de ser, em essência, ações políticas e invasivas daquele campo.

Ao construir este artigo a partir da leitura das manifestações do corvo Moisés no enredo d'A revolução dos bichos, mais de uma crítica generalizada às igrejas cristãs, pretende elencar as sutilezas da boa e perspicaz provocação do autor para refletir acerca das verdades ditas por alguém “de fora”, verdades que, em síntese, não são outra coisa senão denúncias de desvios do próprio *ethos* cristão. Assim, se a figura do corvo não representa a todas as igrejas, serve a todas como advertência. Mas se não se vê representada no corvo de George Orwell, a igreja cristã pode recorrer a seus próprios símbolos como a ovelha sacrificada para que outros vivam; o peixe que nas mãos de Jesus alimentou multidões; a semente que brota da terra e gera frutos, o sal que fertiliza a terra, a luz que ilumina a todos na casa... todos estes símbolos apontam para o agir no mundo, transformar realidades mudando vidas, tornar real a vontade do Deus que ama as pessoas “na Terra como é no Céu”.

A analogia do corvo não deve aprofundar ainda mais o fosso das igrejas em relação à política e ao social. Ao contrário, que ela possa recosturar as rupturas que isolaram a igreja e a ensurdecaram aos clamores de um mundo real onde injustiças, tragédias e desilusões contra as quais se não como cristãos, como humanos, devemos nos esforçar para superá-las aqui e o mais cedo possível, pois “Não podemos esperar”.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas/SP: Unicamp, 2015.
- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 15.ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.
- BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida (1680). Edição Revista e Atualizada (ARA). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), 1993.
- BOBBIO, Norberto. *Cultura laica y laicismo*. El mundo - ES, 1999. Disponível em: <https://iviva.org/revistas/222/222-50-BOBBIO.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.
- BOER, Roland. Pinga espiritual e liberdade: Lênin sobre a religião. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Lênin e a religião*. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de outro da mitologia: história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CALVIN, Jean, *A instituição da religião cristã*. São Paulo: UNESP, 2009.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. *Pesquisas Em VS. pesquisas com seres humanos*. Brasília: UnB, 2003.
- COTTON, Dorothy F. Introdução. In: KING, Martin Luther. *Por que não podemos esperar*. São Paulo: Faro Editorial, 2020, p. 9-13. Edição do Kindle.
- DIAS, Ricardo Lopes. *Não me envergonho do evangelho: um antropólogo entre a fé e a ciência*. Taubaté, SP: Vital Publicações, 2022.
- ENGELS, Friedrich. Contribuição para a história do cristianismo primitivo. 1895. In: ENGELS, Friedrich; LUXEMBURGO, Rosa. *Cristianismo Primitivo*. São João del-Rei: Estudos Vermelhos, 2011.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. A religião e os antropólogos. *Debate. Religião e Sociedade*, v. 13, n.1, mar. 1986.
- FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa-MG: Ultimato, 2006.
- GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do Cristianismo: a Era dos reformadores até a Era inconclusa*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. *Odeio os indiferentes: escritos de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KING, Martin Luther. *Por que não podemos esperar*. São Paulo: Faro Editorial, 2020, Edição do Kindle.

KOYZIS, David T. *Visões e ilusões políticas: uma análise crítica cristã das ideologias contemporâneas*. 2. ed. ampliada e atualizada. São Paulo: Vida Nova, 2021.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Lênin e a religião*. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.

LUTERO, Martinho. Da autoridade secular: até que ponto se lhe deve obediência. 1523. In: LUTERO, Martinho. *Escritos seletos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Edição do Kindle.

LUXEMBURGO, Rosa. O socialismo e as igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos. 1905. In: ENGELS, Friedrich; LUXEMBURGO, Rosa. *Cristianismo Primitivo*. São João del-Rei: Estudos Vermelhos, 2011, p. 31-57;

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1843-1844. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2420. Acesso em: 17 jun. 2024.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. 1845. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000081.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORWELL, George. Por que escrevo. 1946. In: *Fazenda dos Animais: ou “Revolução dos Bichos”*. Edição integral. Inclui prefácio do autor e tradução inédita de “Por que escrevo” (Exclusividade Amazon). 2021, p. 110-118. Edição Kindle.

ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. 1945. São Paulo: LVM, 2022. Edição Kindle.

PINEZI, Ana Keila Mosca. *A vida pela ótica da esperança: um estudo comparativo entre a Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Internacional da Graça de Deus*. São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2015.

POE, Edgar Allan. *O corvo e contos extraordinários*. Jandira, SP: Principis, 2020.

PROENÇA, Ruy. *Visão do Térreo*. São Paulo: 34. 2007.

STURLUSON, Snorri. *Edda em Prosa*. 1220. Belo Horizonte: Barbudânia, 2024. Edição do Kindle.